

PERCA TEMPO - O BLOG DO MURILO

Domingo, Maio 06, 2012

Política e moral - FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

O Estado de S.Paulo - 06/05/12

Acabo de ler o mais recente livro de Alain Touraine, *Carnets de Campagne* (Cadernos de Campanha), sobre a campanha de François Hollande. Sem entrar no mérito das apostas políticas do autor, é admirável a persistência com que Touraine vem estudando as agruras da sociedade contemporânea como resultado da crise da "sociedade industrial". Ele refuta análises baseadas numa sociologia dos sistemas e não, como lhe parece mais apropriado, numa sociologia dos "sujeitos históricos" e dos movimentos sociais. O livro vai direto ao ponto: não é possível conceber a política apenas como uma luta entre partidos, com programas e interesses opostos, marcados por conflitos diretos entre as classes. A globalização e o predomínio do capital financeiro-especulativo terminaram por levar o confronto a uma pugna entre o mundo do lucro (como ele designa genericamente, com o risco de condenar toda forma de capitalismo) e o mundo da defesa dos direitos humanos e de um novo individualismo com responsabilidade social, temas que Touraine já tratara em 2010 no livro *Após a Crise*, fundamentados em outra publicação, *Penser Autrement*, de 2007.

A ideia central está resumida na parte final de *Após a Crise*: ou nos abandonamos às crises, esperando a catástrofe final, ou criamos um novo tipo de vida econômica e social. Neste é preciso reviver o apelo aos direitos universais da pessoa humana à existência, à liberdade, aos pertencimentos sociais e culturais - portanto, à diversidade de identidades -, que estão sendo ameaçados pelo mundo desumano do lucro. É preciso contrapor os temas morais ao predomínio do econômico. Há uma demanda crescente de respeito por parte dos cidadãos. Estes aderem a valores não como decorrência automática de serem patrões, empregados, ricos, pobres, pertencerem a esta ou àquela organização, mas por motivos morais e culturais. Com essa perspectiva, Touraine responde categoricamente que não é com os partidos que a política ganhará outra vez legitimidade. As instituições estão petrificadas. Só os movimentos sociais e de opinião, movidos por um novo humanismo expresso por lideranças respeitadas, pode despertar a confiança perdida. Só assim haverá força capaz de se opor aos interesses institucionais do capitalismo financeiro-especulador, que transformou o lucro em motor do cotidiano. Daí a importância de novos atores, de novos "sujeitos sociais", portadores de uma visão de futuro que rejeite o statu quo.

A partir daí, Touraine, sociólogo experimentado, não propõe uma pré-dica "moralista", mas sim novos rumos para a sociedade. Estes, no caso da França, não podem consistir numa volta à "social-democracia", ou seja, ao que representou na sociedade industrial o acesso aos bens públicos pelos trabalhadores; muito menos ao neoliberalismo gerador do consumismo que mantém o carrossel do lucro. Trata-se de fazer o mundo dos interesses ceder lugar ao mundo dos direitos e à luta contra os poderes que os recusam às populações. É preciso libertar o pensamento político da mera análise econômica. Os exemplos de insatisfação abundam, e não só na França. Vejam-se os "indignados" espanhóis, os rebeldes da Praça da Paz Celestial de Pequim ou os atores da Primavera Árabe. Falta dar-lhes objetivos políticos que, acrescento eu, criem uma nova institucionalidade, mais aberta ao individualismo responsável e à ação social direta que marcam a contemporaneidade.

Por que escrevo isso aqui e agora? Porque, mutatis mutandis, também no Brasil se sentem os efeitos dessa crise. Não tanto em seus aspectos econômicos, mas porque, havendo independência relativa entre as esferas econômicas e políticas, a temática referida por Touraine está presente entre nós. Se me parece um erro reduzir o sentimento das ruas a uma crise de indignação moral, é também errado não perceber que a crise institucional bate às nossas portas e as respostas não podem ser "economicistas". A insatisfação social é difusa: é a corrupção disseminada, são as filas do SUS e seu descaso para com as pessoas, é o congestionamento do trânsito, são as cheias e os deslizamentos dos morros, são a violência e o mundo das drogas, é a morosidade da Justiça, enfim, um rosário de mal-estar cotidiano que não decorre de uma carência monetária direta - embora também haja exagero quanto ao bem-estar material da população -, mas constitui a base para manifestações de insatisfação. Por outro lado, cada vez que uma instituição, dessas que aos olhos do povo aparecem como carcomidas, reage e fala em defesa das pessoas e dos seus direitos, o alívio é grande. O Supremo Tribunal Federal, numa série de decisões recentes, é um bom exemplo.

No momento em que o Brasil parece mirar no espelho retrovisor das corrupções, dos abusos e leniências das autoridades com o malfeito, corre-se o risco de crer que tudo dá no mesmo: os partidos, as instituições, as lideranças políticas, tudo estaria comprometido. É hora, portanto, para um discurso que, sem olhar para o retrovisor e sem bater boca com "o outro lado", até porque os lados estão confundidos, surja de base moral para mobilizar a população. Quem sabe, como na França, a palavra-chave seja outra vez igualdade. Na medida em que, por exemplo, se vê o Tesouro engordar o caixa das grandes empresas à custa dos contribuintes via BNDES, uma palavra por mais igualdade, até mesmo tributária, pode mobilizar. Para tal é preciso politizar o que aparece como constatação tecnocrática e denunciar os abusos usando a linguagem do povo.

Está na moda falar sobre as "novas classes médias", muitas vezes com exagero. Se até agora elas vão ao embalo

25 Online

Buffets
5 1 8

GOOGLE

SIGA NO TWITTER

- Melhor assim - J. R. GUZZO - REVISTA VEJA <http://t.co/zWZ4I98t> about 2 hours ago
- O assustador ataque aos bancos - MAILSON DA NÓBREGA - REVISTA VEJA <http://t.co/49cZcdqQ> about 2 hours ago
- PA apoia Freixo - ANCELMO GOIS <http://t.co/mpl8sluC> about 3 hours ago
- Vaza tudo! - MELCHIADES FILHO <http://t.co/7x45l8XU> about 3 hours ago
- Além das políticas monetária e fiscal - GUSTAVO LOYOLA <http://t.co/tELKmKQH> about 3 hours ago

[Follow me on Twitter](#)

NOTÍCIAS

/ plantão  

SEG, 07/05/2012

12h59 | s
UFG divulga gabarito preliminar das provas da 1ª fase; confira

12h58 | jcios
Petroliera Exxon Mobil lidera lista das 500 maiores empresas do EUA

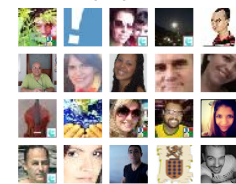
12h55 | grosso
Mais de 40 PMs se mobilizam para atender falso assalto em prédio de MT

12h55 | jetininga e região
Homem rouba carro e é baleado pela polícia durante fuga em

Seguidores

Participar deste site
Google Friend Connect

Membros (435) [Mais »](#)



Já é um membro? [Faça login](#)

Arquivo do blog

da ascensão social, amanhã demandarão serviços públicos melhores e poderão ser mais críticas das políticas populistas, pois são fruto de uma sociedade que é "da informação", está conectada. Crescentemente, cada um terá de dizer se está ou não de acordo com a agenda que lhe é proposta. As camadas emergentes não são prisioneiras de um status social que regule seu comportamento. Aos líderes cabe politizar o discurso, no melhor sentido, e com ele tocar a alma dos recém-vindos à participação social, não para que entrem num partido (como no passado), mas para que "tomem partido" contra tanto horror perante os céus. Isso só ocorrerá se os dirigentes forem capazes de propor uma agenda nova, com ressonância nacional, embasada em crenças e esperança. Sem a distinção entre bem e mal não há política verdadeira. É esse o desafio para quem queira renovar.

Postado por **MURILO** às 04:45 

Reações:  engraçado (0)  interessante (0)  legal (0)

[Recomende isto no Google](#)

0 comentários:

[Postar um comentário](#)

Postagem mais recente

Início

Postagem mais antiga

Assinar: [Postar comentários \(Atom\)](#)

▼ 2012 (4037)

▼ Maio 2012 (200)

► Mai 07 (35)

▼ Mai 06 (43)

Vai que é tua - ANCELMO GOIS

Lula, o recomeço - DENISE ROTHENBURG

MARIA CRISTINA FRIAS - MERCADO ABERTO

Uma briga entre a física e a filosofia - MARCELO G...

Viva o crescimento. Mas como? - CLÓVIS ROSSI

Não ver, não ouvir e calar sempre - DANUZA LEÃO

O dinheiro que grita - MARTHA MEDEIROS

DOUTÔ LULA

O papel do mínimo - MERVAL PEREIRA

Lá vai um... - LUIZ FERNANDO VERISSIMO

O mal feito a nós - MIRIAM LEITÃO

A ilha com anseio de continente - YOANI SÁNCHEZ

Dialética da mudança - FERREIRA GULLAR

Quem quer o abacaxi? - ELIANE CANTANHÊDE

Com o foco na Delta - JOÃO BOSCO RABELLO

O BBB da Delta - CRISTINA GRILLO

GOSTOSA

Assepsia vocabular - HUMBERTO WERNECK

Segredos públicos - EDITORIAL FOLHA DE SP

Risco calculado - DORA KRAMER

La scienza è mobile - JOÃO UBALDO RIBEIRO

Sonhos - CAETANO VELOSO

As mentiras do senador - EDITORIAL O ESTADÃO

Capitalismo contra a jihad - MAC MARGOLIS

Copa! Gringos fazem arrastão! - JOSÉ SIMÃO

Mãe Dilma - ILIMAR FRANCO

A nova poupança e o futuro - SUELY CALDAS

Indústria, câmbio e política fiscal - AFFONSO CELS...

GOSTOSA

A França decide - CELSO MING

'De A a Z' - VERA MAGALHÃES - PAINEL

Há reservas para a crise - ALBERTO TAMER

A bola de cristal do Morgan Stanley - ELIO GASPARI...

Política e moral - FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

A esquerda pisca para a direita - GAUDÊNCIO TORQUA...

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA - MÔNICA BERGAMO

Às banalidades - LUIZ